

Ciências da Comunicação 3

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação 3 [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O terceiro volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 25 artigos que retratam as transformações proporcionadas pela internet e as formas como se estabelecem a comunicação e os relacionamentos no mundo social.

Os autores abordam a interação simbólica na era digital, o uso das plataformas online pelas empresas, o jornalismo impresso frente à internet e os novos fluxos informativos. Os artigos refletem sobre a sociabilidade nas redes sociais, a formação de identidade e a sensação de pertencimento dos usuários. As pesquisas também revelam as mudanças na forma de armazenamento de informações e arquivamento fotográfico, o alcance das mensagens no ambiente online e o uso das novas plataformas digitais pelas organizações.

No segundo núcleo temático, os artigos são voltados à educação, com discussões relevantes sobre as práticas apoiadas em tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC) e a necessária qualificação dos docentes. Os pesquisadores também trazem discussões sobre a utilização das mídias digitais no processo de ensino-aprendizagem e apresentam relatos de experiências educolaborativas.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CRÍTICAS À EPISTEMOLOGIA MODERNA PELO VIÉS DA TEORIA CRÍTICA E DA TEORIA ATOR-REDE	
Tarcísio de Sá Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0671925031	
CAPÍTULO 2	13
ÉTICA E COMUNICAÇÃO DO INDIVÍDUO NA PÓS-MODERNIDADE	
Gabriela Queiroz Melo	
Sandra Maria Rocha de Carvalho	
Diego Frank Marques Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.0671925032	
CAPÍTULO 3	23
GISELA SWETLANA ORTRIWANO E AS CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO: REFLEXÕES EM TEMPO DE INTERNET	
Lourival da Cruz Galvão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.0671925033	
CAPÍTULO 4	35
A INTERAÇÃO SIMBÓLICA NA ERA DIGITAL: ENTENDENDO REDES SOCIAIS COM PEIRCE E BLUMER	
Jorge Antonio de Moraes Abrão	
Anderson Vinicius Romanini	
DOI 10.22533/at.ed.0671925034	
CAPÍTULO 5	47
TECNOLOGIA SOCIÁVEL EM RELAÇÕES PÚBLICAS: CASO MAGAZINE LUIZA	
Taisa Sanitá Selis	
DOI 10.22533/at.ed.0671925035	
CAPÍTULO 6	57
O JORNALISMO IMPRESSO FRENTE À INTERNET: IMPLICAÇÕES NA DECODIFICAÇÃO DE UM NOVO GÊNERO	
Mirian Martins da Motta Magalhães	
Fabiana Crispino dos Santos	
Elaine Vidal Oliveira	
Marcio Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.0671925036	
CAPÍTULO 7	70
JORNALISMO E DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS	
Caroline Pignaton	
Ruth Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0671925037	
CAPÍTULO 8	81
O JORNALISMO DIANTE DOS NOVOS FLUXOS INFORMATIVOS: PRINCÍPIO EDITORIAS DO GRUPO GLOBO E A GRAMÁTICA DE PRODUÇÃO NOTICIOSA	
Milton Julio Faccin	
DOI 10.22533/at.ed.0671925038	

CAPÍTULO 9	93
OS TELEJORNALISTAS E O APLICATIVO WHATSAPP NA ROTINA PRODUTIVA DAS REDAÇÕES	
Mozarth Dias de Almeida Miranda	
Sérgio Arruda de Moura	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
Victor Tomazinho Bartolazzi	
DOI 10.22533/at.ed.0671925039	
CAPÍTULO 10	107
VEM VER O SEMIÁRIDO: A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS NO CURSO DE JORNALISMO	
Mayara Sousa Ferreira	
Ruthy Manuella de Brito Costa	
Lana Krisna de Carvalho Morais	
DOI 10.22533/at.ed.06719250310	
CAPÍTULO 11	121
REDES SOCIAIS DA INTERNET: IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E SOCIABILIDADE	
Catarina Carneiro de Andrade Lima	
Silas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.06719250311	
CAPÍTULO 12	134
MEMÓRIA MÓVEL: ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS NA ERA DIGITAL	
Kety Luzia de Amorim Marinho	
Aline Maria Grego Lins	
DOI 10.22533/at.ed.06719250312	
CAPÍTULO 13	145
DIVERSIDADE DE CORPOS: O CORPO GORDO ATRAVÉS DAS ARTES, REDES SOCIAIS E O MOVIMENTO PLUS SIZE	
Patricia Assuf Nechar	
DOI 10.22533/at.ed.06719250313	
CAPÍTULO 14	158
TRABALHO GRATUITO NAS REDES: OS USUÁRIOS A SERVIÇO DO CAPITAL	
Guilherme Bernardi	
Manoel Dourado Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.06719250314	
CAPÍTULO 15	168
ALCANCE DE POSTS NO TWITTER: EVIDENCIANDO A DIFERENÇA ENTRE AUDIÊNCIA POTENCIAL E IMPRESSÕES DE MENSAGENS A PARTIR DE UM EXPERIMENTO	
Caio Cesar Giannini Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.06719250315	
CAPÍTULO 16	182
O USO DO INSTAGRAM STORIES PELAS ORGANIZAÇÕES: UMA ANÁLISE DOS PERFIS DAS CASAS NOTURNAS MARGOT E SINNERS	
Amanda Paloschi Bueno	
Vanessa Hauser	
DOI 10.22533/at.ed.06719250316	

CAPÍTULO 17	196
MÍDIAS SOCIAIS E CIBERDEMOCRACIA: UMA ANÁLISE DO FACEBOOK DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA	
Emanuelle Tronco Bueno Renata Patrícia Corrêa Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.06719250317	
CAPÍTULO 18	208
MÍDIAS SOCIAIS E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS E SOCIAIS DA DICIPA PARA A UNIPAMPA	
Franceli Couto Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.06719250318	
CAPÍTULO 19	222
PRÁTICAS APOIADAS EM TECNOLOGIAS DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO (TDIC) NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA	
Gláucia Silva Bierwagen	
DOI 10.22533/at.ed.06719250319	
CAPÍTULO 20	238
EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL: DOCUMENTÁRIO TELEVISIVO COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MACAPÁ	
Laiza Monik de Oliveira Mangas Beatriz de Paula Moura Ribeiro Paulo Vitor Giraldi Pires	
DOI 10.22533/at.ed.06719250320	
CAPÍTULO 21	250
O ENSINO HÍBRIDO (<i>BLENDED LEARNING</i>) COMO METODOLOGIA NA EDUCAÇÃO ATUAL: O CASO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO NORTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	
Ana Elisa Pillon Leila Regina Techio Maria José Baldessar	
DOI 10.22533/at.ed.06719250321	
CAPÍTULO 22	261
FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): A TRAJETÓRIA DO NACE ESCOLA DO FUTURO – USP E A EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO INVENTANDO FUTUROS	
Fabiana Grieco Cabral de Mello Vetritti	
DOI 10.22533/at.ed.06719250322	
CAPÍTULO 23	274
USO DE MÍDIAS SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR	
Geovani Laurindo Filho Ana Maria Ribas	
DOI 10.22533/at.ed.06719250323	

CAPÍTULO 24 290

A GRANDE REPORTAGEM COMO FONTE DE (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA “EDUCOLABORATIVA”

Verusa Pinho de Sá
Antenor Rita Gomes

DOI 10.22533/at.ed.06719250324

CAPÍTULO 25 302

DESAFIOS DA IMPLANTAÇÃO DA LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: UMA VISÃO COMUNICACIONAL

Elen Cristina Gerales
Valquiria de Lima Rodrigues
Helen Rose Lopes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.06719250325

SOBRE A ORGANIZADORA..... 315

A GRANDE REPORTAGEM COMO FONTE DE (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA “EDUCOLABORATIVA”

Verusa Pinho de Sá

Universidade do Estado da Bahia (Uneb) -
Campus IV

Mestrado Profissional em Educação e Diversidade
(MPED)

Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação
e Linguagem (Cult-Vi)
Jacobina/BA

Antenor Rita Gomes

Universidade do Estado da Bahia (Uneb) -
Campus IV

Mestrado Profissional em Educação e Diversidade
(MPED)

Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação
e Linguagem (Cult-Vi)
Jacobina/BA

O artigo integra os anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018, em Juazeiro/BA, através do Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

RESUMO: Este artigo apresenta um recorte dos relatos e “achados” da experiência formativa *Jornalismo Colaborativo e Educomunicação no contexto da Diversidade*, que pretendeu problematizar o potencial dos conteúdos noticiosos enquanto propulsores da reflexão, criticidade e transformação social. Por meio de pesquisa-ação colaborativa,

foram elaboradas três matérias, sendo duas grandes reportagens e uma entrevista, a partir de pautas sugeridas e viabilizadas pelos partícipes. Ao longo do processo, organizou-se o Portal da EduColaborAção, fonte de construção e troca de conhecimento, que reúne os principais saberes da investigação em prol de práticas “educolaborativas”. Entre desafios e possibilidades, identificamos a relevância desse modo ressignificado de (in)formar, numa era em que leitores interatuam como produtores de mídia e cidadãos do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Colaborativo; Educomunicação; TICs; (In)Formação Crítica; Diversidade.

ABSTRACT: This article presents the reports and “discoveries” of formative experience *Collaborative Journalism and Educommunication in the context of diversity*, which intended to problematize the potential of news content as a propeller of reflection, criticism and social transformation. Through collaborative research-action, three subjects were elaborated, being two big reports and one interview, based on themes suggested and elaborated by the participants. Throughout the process, the EduCollaboration Portal, a source of construction and exchange of knowledge, was organized, bringing together the main knowledge of research in favor of “educational”

practices. Between challenges and possibilities, we identify the relevance of this re-signified mode of (in)formation, in an era in which readers interact as media producers and citizens of the world.

KEYWORDS: Collaborative Journalism; Educommunication; ICTs; Critical (In)Formation; Diversity

INTRODUÇÃO

Se os jornalistas têm imbuído no exercício da profissão o compromisso com a Educação, essa interconexão, chamada de “educomídia” por José Marques de Melo (2006), obriga-nos a reinventar conceitos, incorporar outras técnicas e formular novas categorias de apreciação. Assim, promover estudos e imersões na área da interface torna-se essencial para a compreensão, o reconhecimento e a promoção desse campo emergente.

Para Martín-Barbero (2014), a escola só poderá se inserir nos processos de mudança que atravessam a sociedade, surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos informativos e das redes de intercâmbio criativo e lúdico, a partir da ascensão midiática, dimensão estratégica da cultura. Neste cenário, convivem novos modos de representação e ação cidadãs, hibridizações da ciência com a arte, do trabalho com o ócio. Se a mídia também ensina, os meios de comunicação proporcionariam o que McLuhan (1971) adjetiva de “aula sem paredes”, dividindo essa função com a família e a escola, principais agências socializadoras.

Sem um mergulho no mundo da mídia, seus contrastes, suas contradições, o educador não terá condições de “reeducar” seus estudantes para a autonomia de si, condição para a consciência crítica face à sociedade em que transita. Para *sair* do espaço tradicional das academias é preciso *reentrar* nos arcanos do mundo midiático, para dele, de novo, *tornar a sair* como um agente cultural que saiba articular diferentes linguagens e buscar o sentido mais profundo das coisas (MELO; TOSTA, 2008, pág. 10, grifos dos autores).

Como espaço que pressupõe negociação constante com o outro (THOMPSON, 2002), os *media* alteram a sensação de pertença dos indivíduos. Da identidade à identificação, eles contribuem tanto para a aproximação quanto para o distanciamento dos sujeitos. Ou seja, a Comunicação é peça-chave na formação de vínculos, o que Maffesoli (2000) classificara de *amálgama social*. No caso dos ambientes formativos, diversos por natureza, faz-se ainda mais necessário gerenciar valores e símbolos na constituição de idiosincrasias, estruturando a produção desses instrumentos para orientar e gerar referências.

Se tudo pode ser mote do percurso da aprendizagem, passível de análise e sistematização, acreditamos que desenvolver uma leitura crítica de mundo é a base desta nova pedagogia, que caminha na perspectiva do conteúdo como ponto de partida. Parte essencial da comunicação humana, a leitura é fonte de identificações. Apropriando-se do legado de Freire (1992), anuímos à máxima de que a *leitura de*

mundo antecede a *da palavra*, sendo esta uma materialização da representação; juntas, elas possibilitam aos leitores se tornarem sujeitos da própria história.

Concordamos com Braga e Calazans (2001) ao dizer que só uma boa formação (compreendida aqui como aquela que extrapola a escola, com foco no poder dos meios de comunicação) possibilita condições eficazes de reflexão aos níveis de desequilíbrio e pressão decorrentes do novo estado das coisas. Enquanto fonte de pertencimento e integração, os *media* dedicados ao Jornalismo devem e podem contribuir, diretamente, para a transformação social. Enquanto zona estratégica para revelar distintos pontos de vista, os conteúdos noticiosos se tornam essenciais na formação de identidades, sendo molas propulsoras da diversidade.

Realizar um trabalho jornalístico guiado pelo horizonte “educolaborativo” institui-se, então, no desafio aqui descrito, que propõe a experimentação do Jornalismo Colaborativo e da Educomunicação para a (In)Formação Crítica a partir da vivência de um grupo-piloto composto por educadores, comunicadores, lideranças comunitárias e militantes sociais.

PRODUZIR MÍDIA; SER CIDADÃO DO MUNDO

O advento da era digital e o *boom* das TICs têm ampliado o campo de atuação dos comunicadores, permitindo o uso de uma variedade de ferramentas, ao lado da adequação da linguagem ao público (segmentação) e à mídia escolhida. Diante das práticas cada vez mais colaborativas, especificamente a partir da *web*, o Jornalismo Digital vem acompanhando a tendência e alterando o modelo linear e convencional de outrora “emissor-mensagem-receptor”.

Sob essa ótica, o posicionamento do jornalista também se torna mais fluido e multifacetado, substituindo seu habitual papel de direcionar informações com potencial noticioso (*gatekeeping*), para se tornar, em parceria com o público, um orientador/intermediador (arquiteto de percursos, segundo Velasco *in* Aparici, 2014), aquele que observa diversos canais em busca de pontos de partida de onde novos campos se abrem (*gatewatching*).

Conforme Mario Kaplún, a Comunicação Educativa vai além dos *media*, constituindo-se em componente pedagógico: “Enquanto interdisciplina e campo de conhecimento, converge uma leitura da Pedagogia a partir da Comunicação e uma leitura da Comunicação a partir da Pedagogia” (*apud* CITELLI; COSTA, 2011, págs. 75 e 76). O argentino-uruguaio foi o primeiro a difundir o termo “educador comunicativo” ou “educadores comunicativos”, inicialmente pensados como profissionais responsáveis por trabalhar com a leitura crítica da mídia em espaços educacionais.

Nesse sentido, a Comunicação enfatiza valores e investimentos emocionais que suplantam a troca de signos na definição utilitária do termo. Nas palavras de Maffesoli (2000), em época de crises, incertezas e desabamento das antigas utopias políticas, ela é o “cimento social”; espaço de intercessão de conflitos e interesses, zona interativa e

integradora. Para o sociólogo francês, Comunicação não é meio, mas fim (diretamente relacionada à noção de desenvolvimento), e se faz pela mídia, telenovelas, canais dominantes, mas, principalmente, pelos subterrâneos dos imaginários populares, que se reconstróem na profundidade das aparências do cotidiano, na narrativa do vivido.

Para o renomado pensador espanhol-colombiano Jesús Martín-Barbero (2003, 2014) esse campo está se convertendo em espaço estratégico a partir do qual se pode pensar em bloqueios e contradições que dinamizam as sociedades. Na *era informacional*, Castells (*apud* BARBERO, 2014) nos lembra que a idade para aprender são todas e o lugar para estudar pode ser qualquer um, considerando que estamos passando de uma *sociedade com sistema educativo* para uma *sociedade de saberes compartilhados* ou *sociedade educativa*, cuja rede de significados atravessa tudo, arquitetando um experimento para o desenho de outras formas de aprendizagem” (pág. 10).

É esse “éthos da mediatização tecnológica da Comunicação” que nos rodeia e sobre o qual precisamos estar atentos para participar reflexivamente (VELASCO *in* APARICI, 2014). Sendo a cultura informacional marcada pelo intercâmbio em rede, compreendemos o ciberespaço como ambiente de múltiplas escritas, com destaque para o hipertexto. Nas palavras de Barbero (*ibidem*, pág. 125), “a escrita digital é hoje um direito primário para o qual a escrita escolar não prepara”.

Citado por Citelli e Costa (2011), o autor clama por uma escola que ensine a distinguir, tornar evidente, ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos sobre política, família, cultura, sexualidade... Apropriar-se das mídias torna-se, pois, competência fundamental para o exercício da cidadania, além de prolongamento natural dos saberes de base.

Diante de tais reflexões, ousamos (in)formar a partir da produção de conteúdos noticiosos “educolaborativos”, compreendendo que, na escola da vida, compartilhamento é palavra-mor. Assim, buscamos trazer à tona conteúdos que transcendem o factual, superando o *lead*, para dar lugar a matérias diferenciadas em seu engajamento com as questões sociais.

O GRUPO & A EXPERIÊNCIA FORMATIVA

O trabalho de campo aconteceu por meio de curso de extensão, etapa de campo da pesquisa de mestrado, sob apoio do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagem (Cult-Vi), e aprovação do Núcleo de Pesquisa e Extensão (Nupe) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) - *Campus IV*. A formação se concretizou ao longo de três meses (setembro a dezembro de 2017), através de encontros semanais (nos dois primeiros períodos) e quinzenais (no último mês), além de acompanhamento virtual pelos canais de comunicação criados especialmente para o estudo: grupo do WhatsApp, *e-mail* e Fórum da Diversidade, menu de relevância do Portal da EducolaborAção (esboço abaixo).

www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo
A IDEIA | Passo a Passo | Os Conceitos | Biblioteca
QUEM SOMOS (miniperfil dos integrantes do grupo)
BASTIDORES (relatos & fotos da experiência)
FÓRUM
MULTIMÍDIA (espaço para as reportagens - estilo *blog* - e demais produtos elaborados, como o documento norteador, fotos e vídeos)
DESDOBRAMENTOS (destaque para o *clipping* de notícias)
CONTATO (com texto-convite para outros possíveis colaboradores)

Figura 1 - *Print* do Fórum, com a divisão em categorias: *Relatos de Experiências* (espaço para conteúdos mais práticos); *Compartilhando Saberes* (lugar das teorias fundamentadas no cotidiano); *Análise de Mídia* (avaliação da postura da imprensa e sugestões) e *Pautas* (escrita e avaliações)

Fórum da Diversidade
Bem-vind@ ao nosso cantinho especial de interação! Contamos com você para enriquecer o debate em torno de temas diversos

Relatos de Experiências
238 visualizações | 14 posts
Conte-nos situações que vivenciou ou tem conhecimento na interface EduCom, Cultura e TICs

Compartilhando saberes
278 visualizações | 15 posts
Socialize suas impressões a respeito das leituras sugeridas e dos debates em classe



Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/>

Com encontros de quatro (4) horas-aula nas manhãs das terças-feiras, das 8h às 11h30, totalizaram-se 90 horas-aula, sendo 40h em classe, ao lado das atividades programadas - de leitura (*home office*) e de campo, com orientação a distância (= 50h). Estas últimas, sobretudo, durante o período de elaboração das matérias, que se iniciaram presencialmente, mas passaram por amadurecimento nos demais dias da semana, de acordo com a disponibilidade de cada colaborador/a.

O grupo tomou forma após chamada pública no período de inscrição, sendo composto por 12 participantes presenciais inicialmente (dos 31 inscritos). A partir da 2ª aula, acolhemos mais dois integrantes, dos quais nove chegaram ao fim da formação, ao lado de outros dois que acompanharam a distância os debates, após encontrarem informações do curso na *web*, através do *site* oficial da Universidade e do Programa/MPED: o jornalista italiano Giampiero Valenza, e o responsável pelo setor de Comunicação da Uneb - *Campus XIV*, em Conceição do Coité, Carlos Roberto Marinho.

Representantes de espaços formativos distintos, a equipe incluía educadores (três, sendo duas em processo de formação); comunicadores (sete, sendo uma graduanda); lideranças comunitárias e militantes sociais (4). Dentre homens e mulheres em quantidade similar, chegamos à maioria feminina nas últimas atividades (7). Majoritariamente numa faixa etária entre a juventude e a fase adulta, a maior parte se identificou de origem afrodescendente, enquanto outros optaram pelo hibridismo ("sou brasileiro" ou "indígena/africano/europeu"), revelando aspectos culturais que, mais tarde, teceram vinculações oportunas com os conteúdos produzidos. Quanto à escolaridade, imperou a graduação, com exceção dos comunicadores: dois cursaram até o ensino médio; outro estava em formação técnica para aquisição de registro profissional e um já era graduado em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda.

Para Dolabella (2015), o/a pesquisador/a formador/a é um/a agente social que mobiliza os saberes e as experiências de certo grupo, agenciando o trabalho crítico em forma de debate. Assim, enquanto espaço aberto e colaborativo, nosso curso de extensão reuniu um conjunto de ações e tensionamentos inerentes aos “ecossistemas comunicativos”, a partir da gestão e do exercício da expressão dos sujeitos envolvidos. Entre idas e vindas, permanências e desistências, demos “cara” à equipe *Educolaborar*. Tempo e espaço de aprendizagens, processo de mutação recíproca entre sujeito e objeto, as oficinas se caracterizaram como itinerário de (des)equilibrações, a partir da prática (saber-fazer), ativa e reflexiva, na relação entre sentir-pensar-agir.

AS MATÉRIAS EDUCOLABORATIVAS E OS “DESAFIOS DA REPORTAGEM”

Para o jornalista americano Robert Ezra Park, que também foi professor de sociologia na Universidade de Chicago, “a notícia é uma das formas mais elementares de conhecimento” (SOARES, 2003 *apud* RIOS *et al.*, 2009). Diferenciando-se do saber científico, racional e analítico, as narrativas jornalísticas definem-se como intuitivas e mais próximas do senso comum, podendo ser, no entanto, pontapé para o conhecimento sistemático. Nessa linha de pensamento, defendemos que é por meio do interesse do/a leitor/a que uma matéria pode ou não adquirir significação e fazer parte da história, reconstruindo-se sob novos olhares.

Enquanto construção social, Gaye Tuchman (1993) considera tais conteúdos “janelas para o mundo”, que podem trazer contornos propositivos em prol da melhoria da qualidade vida. Desse modo, ressaltamos a relevância de se desenvolver estratégias para uma Comunicação diferenciada, que revele a luta contra-hegemônica empreendida pelas minorias representativas, das quais negros, mulheres, jovens e homossexuais são exemplos. Enriquecida com depoimentos e histórias de vida, ao lado de dados contextualizados, que estabelecem *links* com outras ações, a grande reportagem se revela, pois, gênero jornalístico ideal nessa perspectiva.

Parafraseando Glauber Rocha, “com uma ideia na cabeça e uma folha em branco nas mãos”, iniciamos a escrita das primeiras pautas, guiados pelos pressupostos estabelecidos em nosso documento norteador. Dentre as sugestões, cogitou-se a possibilidade de escrever perfil, realizar pesquisa de opinião e até abordar o assunto *culturas tradicionais e longevidade*, mas devido à praticidade de entrevistar a colaboradora Maria Cléa Gomes, que já compunha o grupo, bem como à peculiaridade da militância desenvolvida por ela no âmbito da luta pela criança e adolescente, sobretudo através do projeto *Casa Rebeca*, optamos por essa temática e gênero textual. Dividida em duas equipes, a turma ainda organizou reportagem sobre a articulação da sociedade civil em prol da transformação social em Jacobina e região, a partir da trajetória de cada membro e de fontes externas indicadas.

Posteriormente a essa fase de teste, focamos na elaboração da pauta-mor do

curso: *Bananeira - História, Cultura e Natureza*, a partir da qual contextualizamos a origem do bairro no diálogo com o estigma social criado ao longo dos anos, contrapondo às potencialidades locais (riquezas naturais e culturais, bem como a titulação recente de quilombo urbano), com destaque para iniciativas de projetos sociais.

Instigados a pensar, a todo instante, a respeito da credibilidade da informação nesta era de *emirecs* (emissor-receptor, termo cunhado pelo canadense Jean Cloutier, retomado e potencializado por Kaplún), registramos aqui a opinião do jornalista Caco Barcellos, que esteve na cidade durante o período do nosso curso para palestrar sobre empreendedorismo e diferentes gerações a convite do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Entrevistado por esta pesquisadora em coletiva de imprensa quanto às contribuições das novas tecnologias para os *media*, o “global” elencou o acesso ao conhecimento e a autonomia dos sujeitos como diferenciais desta onda colaborativa. A partir da sua resposta, tivemos ainda mais certeza de que não estamos sozinhos nos “desafios da reportagem” e na luta pela elaboração de conteúdos noticiosos que contribuam para a (in)formação crítica, mantendo sempre acesa a flama do questionamento, até mesmo diante das fontes oficiais.

CB: “Acho que a revolução digital trouxe imensa contribuição para a formação de novos comunicadores, novas plataformas e veículos de comunicação. É um avanço que nunca imaginava que fôssemos conseguir! Possibilitar que qualquer cidadão do mundo possa fazer, dentro de casa, uma emissora de rádio, um *site/blog*, jornal digital, e até uma TV... Nós, enquanto jornalistas profissionais, temos muitos concorrentes, mas isso é positivo porque democratiza o conhecimento. Hoje num clique você tem acesso a todos os arquivos importantes do mundo. Então para o conhecimento, preparação do profissional e sociedade, o fato de termos veículos sem nenhum tipo de filtro é muito positivo. Agora o que eu observo é que no Brasil, e acompanho alguns lugares do mundo também, como a Inglaterra e um pouco dos EUA, há quem use essas plataformas para transformá-las em cenário de linchamento moral. Na área de política isso acontece muito, a criação das *fake news*, por exemplo, isso é muito negativo, mas acho que pesa mais o lado positivo: o acesso democrático ao conhecimento e a possibilidade de você se comunicar além-fronteiras, isso é maravilhoso! Não vejo hoje nenhum tipo de possibilidade de a gente vivenciar regimes autoritários como tivemos no passado, é impossível você controlar hoje o direito de se comunicar dada à revolução digital. Também observo que o papel do repórter nunca foi tão importante quanto hoje: o Jornalismo está “infestado” - usando um termo um pouco negativo - de opinião, por influência até das redes sociais. Tem gente dando opinião demais com conhecimento de menos. Acho que a reportagem é essencial neste momento: é ela que separa opinião (comunicação imprecisa) da comunicação necessária, aquela responsável e de relevância pública. Por isso acho fundamental a nossa atuação! Infelizmente a reportagem está em desuso, em processo de extinção, devido ao custo de produção do gênero”.

Entre proximidades e associações, nossa interpretação seguiu flutuante e aberta diante do sistema de valores (positivos, neutros ou negativos) e comportamentos que ora atacavam, noutra evitavam; ora aceitavam, noutra rejeitavam; ora comparavam em tom de negação, noutra inundavam o mundo do outro (empatia), no exercício de “sair de si” (descentrar-se), tão necessário ao desenvolvimento pessoal. As representações de cada tomada de posição, pouco a pouco, evidenciaram juízos de valor e emoções,

através de processos cognitivos/mentais polifônicos, por vezes inconscientes, que tenderam à persuasão, mas se mantiveram emaranhados em afetividades e ambivalências.

Na multidimensionalidade das significações expressas, também identificamos performances, digressões, vazios, atalhos (falsas saídas ou clarezas enganadoras). Da aparente desordem, propomos uma estruturação dinâmica e peculiar, que representa a teoria construída a partir da reinterpretação da realidade, levando em conta tanto as constâncias quanto as ausências (pertinência); os gestos e as falas bem como silêncios; o poder da iniciativa (proatividade) e a apatia; revelações e mascaramentos, na tentativa de preservar a individualidade das falas ao tempo em que se concretizava a lapidação e a síntese dos dados brutos.

Como radialista tenho que ter muito cuidado com o que vou falar, escrever, ainda mais porque, na nossa região, acabamos fazendo de tudo: além da locução, sou produtor, programador e até mesmo jornalista [no sentido da escrita]. Esse curso, ao lado da formação técnica [DRT], está sendo de uma importância gigantesca porque muda o nosso jeito de ver as coisas, pensar, tratar as pessoas, muda nosso ser pra melhor. Há um tempo atrás, muitas coisas ruins acontecerem em minha vida, mas hoje vejo que tudo valeu muito a pena pra me formar como pessoa, cidadão. Não tem escola/faculdade que ensine isso! A vida nos ensina muita coisa e esse curso me ensinou bastante, através das ideologias, personalidades e profissões diferentes. Pedro Filho

Achei que a vida de jornalista era mais fácil, nunca imaginei ser tão trabalhosa! Acho que a quantidade de informações produzidas todos os dias cria essa ilusão, e a ideia de que qualquer um pode ser jornalista. A partir deste curso eu percebi que não, e que muita gente que escreve em *blogs* e afins não deve/merece ser intitulada de jornalista. Entendi também porque se copia e cola tanto na *internet*: criar conteúdo sério e de qualidade precisa de estudo, dedicação e tempo. É impossível fazer jornalismo de forma rápida/instantânea como vemos no nosso cotidiano. É necessário pesquisa, averiguação de fontes, leituras. Entrei no curso em busca da experiência e por curiosidade, nunca nem tinha escutado a palavra "Educomunicação". O maior desafio foi entender como ela funciona. A convivência com os colegas somou muito a minha experiência e ampliou os horizontes para além do meu mundo. *Graziela Santos, educadora*

Vivenciar cada passo, sentir a pressão e o prazer de cada entrevista, de cada história, de cada vida é "Educolaborar". Confesso que antes também não conhecia esse termo, mas que, a partir do projeto e das articulações geradas em cada encontro, ele passou a fazer parte da minha vida. Sou a favor de um jornalismo mais colaborativo, com boas notícias e perspectivas de uma imagem mais positiva do ser humano. A proposta do projeto veio ao encontro de tudo isso! Os conteúdos foram educativos e dinâmicos e sempre propunham uma articulação positiva dos assuntos gerados, proporcionando a possibilidade de ideias infinitas, que nos conduzem a uma revisão de conhecimentos pessoais, culturais e interpessoais que adquirimos por nossa jornada. Posso dizer que me conduziu a uma nova vivência que vai além da sala de aula ou apenas do projeto, me levou a um novo ambiente de conhecimento, mais íntimo, despertando o desejo de uma articulação mais madura e positiva, de forma mais clara e objetiva, conseguindo discernir e avaliar o conhecimento e o sentimento na elaboração de uma opinião. Falamos sobre leis, direitos, deveres, política, civilidade, mídias, artes, polêmicas, educação e inúmeros assuntos gerados por cada participante. Com a contribuição de cada um pude entender e aprender mais, cada encontro foi uma nova aprendizagem e uma nova experiência que levo para minha história de vida. Particularmente só tenho a

agradecer, e para engrandecer este projeto, proponho que divulguem a proposta em sala de aula (ensino médio/técnico) para que esta nova geração estude se familiarizando com a proposta da articulação madura que a “educolaboração” nos proporciona. Como o Pe. José [entrevistado], também acredito que serão os jovens responsáveis pela revolução! Mas a educação, ou melhor, a “Educolaboração” é a melhor ferramenta para isso. *Anne Bacelar, graduanda e militante social*

Frente à semente que, gradativamente, amadurecia, as “pedras” surgiam como desafios a serem vividos em seu próprio conflito. É justamente esse o aspecto central da (in)formação crítica a que nos propomos desde o começo.

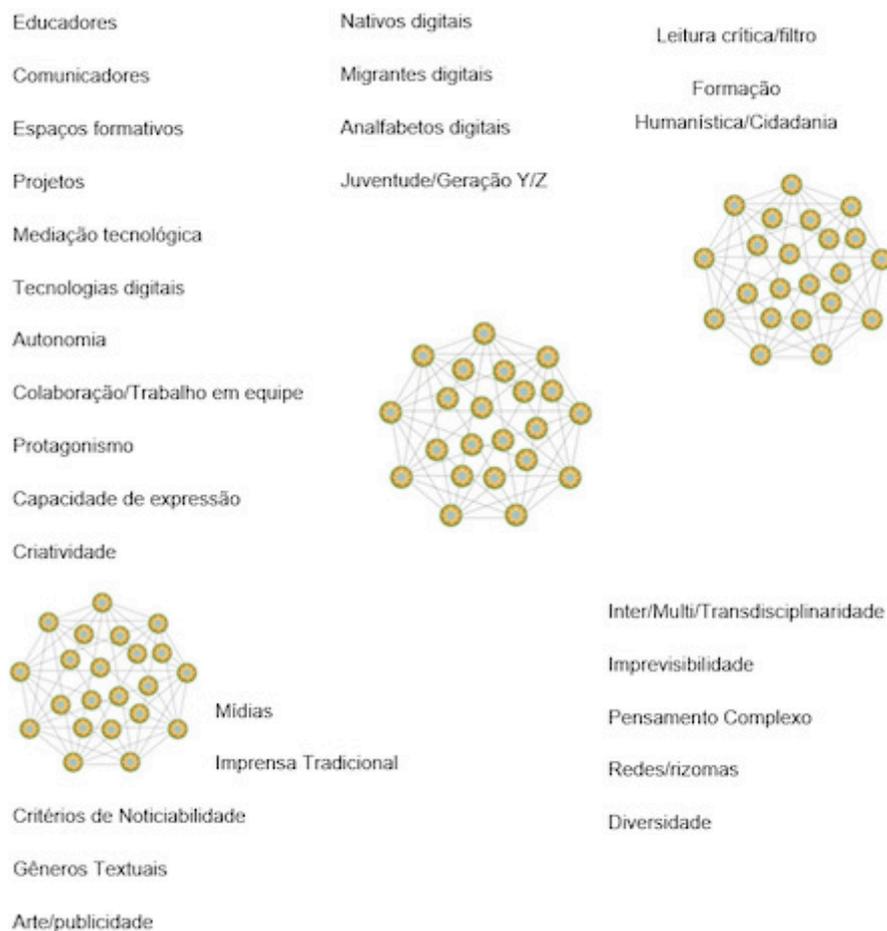


Figura 2 - As mandalas da “Educolaboração” e os temas-eixo/ Fonte própria - imagem adaptada do acervo Pixabay

(IN)CONCLUSÕES

Não temos dúvida de que o Jornalismo “Educolaborativo” anunciado contribuiu para a criticidade dos indivíduos. Mas a seu modo peculiar, no contexto de vida de cada um/a, ele toma corpo e ganha cor. Conservar acesa a chama pela qualidade, credibilidade e capacidade formativa dos conteúdos noticiosos, bem como para a necessidade do filtro *leitura crítica*, segue como um grande e incompleto desafio das próprias zonas de conforto.

Das diferentes fases da pesquisa, classificamos o curso de extensão como o

ápice, aquele momento *Eureka*, de *insight* e experimentação. Através dele, avaliamos que o engajamento de cada sujeito, com base no sentimento de corresponsabilidade, faz-se essencial para a conquista dos pressupostos estabelecidos nesta pesquisa. Diante de incongruências, tropeços e surpresas, plantamos uma semente em nome da *diversidade* de pensamentos e atitudes.

Abraçados pelos diferentes depoimentos transcritos acima, vivenciamos múltiplas emoções e amadurecemos juntos, enquanto profissionais, pessoas e cidadãos. A autorreflexão tornou-se companheira fiel no decorrer da caminhada formativa, em especial, diante da necessária lapidação da paciência e apuração do bom senso para despir-se dos julgamentos que tanto nos afligem. Em meio a essa aproximação, viabilizada por meio dos diferentes canais de comunicação criados exclusivamente para a pesquisa, o distanciamento demandado pelo movimento investigativo se manteve firme ao longo dos encontros e das reflexões propostas, mas, ao mesmo tempo, a presença desta autora como líder do grupo e profissional especializada da área jornalística revelou-se fundamental para a continuidade do processo formativo.

Nossa expectativa é de que este estudo possa inspirar profissionais, educandos e pesquisadores das mais diferentes áreas a respeito das temáticas abordadas, por meio das referências elencadas e da descrição-interpretação do fenômeno em foco, contribuindo para o aprofundamento teórico (reflexão epistemológica) do *Jornalismo Colaborativo* e da *Educomunicação*, no diálogo com as novas tecnologias e as manifestações culturais, em prol da elaboração de narrativas *transversais*.

É nessa fronteira multiperspectiva, na qual inquietude é pedra fundamental, que (in)concluímos esta produção: na abertura ao que está por vir, tentando ultrapassar a solução dos pequenos impasses cotidianos para alcançar o conhecimento científico sob este outro *ser*: “educolaborativo”.

REFERÊNCIAS

APARICI, Roberto. **Educomunicação**: para além do 2.0. Tradução: Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulina, 2014. Coleção Educomunicação.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

BRUNS, Axel. **Gatewatching**: Collaborative Online News Production. New York: PeterLang Publishing Inc., 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** - A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Castilho (Org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal. Trabalho crítico e educomunicação. In: **Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 3.º Congresso Braga**: CECS, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KAPLÚN, Mario. **Uma Pedagogía de La Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LE MOS, André e PALÁCIOS, Marcos (Org.). **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Q.: **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, José Marques *et al.* **Educomídia, alavanca da cidadania**: o legado utópico de Mário Kaplún. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

_____; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação)

SIEMENS, George (2004). **Conectivismo**: Uma teoria de Aprendizagem para a idade digital. Disponível em <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5ª ed. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidade. Barcelona: Bosch, 1993.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-206-7

